

CAPÍTULO 4

A INFLUÊNCIA DA ARTETERAPIA NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS: RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNINTA NA APAE

Data de aceite: 01/04/2024

Beatriz Linhares

Discente da Faculdade de Medicina do Centro Universitário INTA - UNINTA

Ana Thais Araújo Prado

Discente da Faculdade de Medicina do Centro Universitário INTA - UNINTA

Maria Victória de Sousa Oliveira

Discente da Faculdade de Medicina do Centro Universitário INTA - UNINTA

Jose Carlos Fontenele

Docente da Faculdade de Medicina do Centro Universitário INTA – UNINTA

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Medicina Integrativa. Arteterapia.

INTRODUÇÃO

A Liga Acadêmica de Medicina Integrativa – LASMI do Centro Universitário INTA – UNINTA, busca realizar atividades inclusivas junto à comunidade nos seus projetos de extensão, aplicando algumas das Práticas Integrativas e Complementares (PICS). No relato de experiência em questão, foi utilizada a

prática da Arteterapia aplicada ao público infantil portador do Transtorno do Espectro Autista (TEA), no espaço da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), a qual presta atendimento a pessoas com deficiência.

OBJETIVOS

Relatar a experiência de um grupo alunos da UNINTA em uma atividade sobre Arteterapia com alunos do espectro autista na APAE de Sobral-Ce., levando ao público de autistas visitados um encontro com a opção terapêutica, interagindo com eles e estreitando possíveis laços, além de esclarecer dúvidas sobre o tema aos profissionais da instituição

RELATO

Em um momento anterior a ação, foi promovido pela equipe de extensão da liga, um momento explanativo com uma psicóloga especialista em pacientes com espectro autista, para que os alunos representantes da visita pudessem

entender melhor a reação dos pacientes e como lidar com possíveis adversidades. Foi abordado a sensibilidade a ruídos, texturas e peculiaridades do público-alvo. Logo após, em uma reunião de alinhamento, foi organizada a visita em si e comprados os materiais necessários para tal, como lápis de cor, cartolina, tinta guache, giz de cera e massinhas de modelar, onde o intuito era despertar nos pacientes autistas uma atividade diferente daquelas realizadas rotineiramente, com intuito de fixar sua atenção. No dia da oficina, estavam presentes crianças de diversas idades, desde mais novos a pré-adolescentes. Alguns despertaram interesse apenas para uma arte específica, por exemplo, apenas massinhas, ou apenas o giz de cera. Outros focaram em correr e não se interessaram pelas ferramentas. Outros mostraram incrível talento artístico e desenharam retratos dos seus hobbies preferidos. Foi possível observar também na prática o que já havia sido previamente explanado na teoria com a psicóloga sobre a sensibilidade maior ao som que alguns autistas podem apresentar, visto que uma das crianças presentes se mostrou extremamente incomodado com a saída de um som fora da programação da oficina, ficando agitado e abandonando o entretenimento até que o problema sonoro fosse resolvido. A interação com os alunos foi variada, indo de grande interação até atividades isoladas com pouca interação com os ligantes e até mesmo imprevistos que colocaram os acadêmicos em uma situação de ação baseada em acolhimento e atenção às mais diversas necessidades. Os pais das crianças estavam presentes e na grande maioria participaram da atividade se mostrando interessados nas dinâmicas e compartilhando experiências.

DISCUSSÃO

Autistas são um público com comportamentos variáveis e já era esperado que as crianças reagissem de forma diferente as atividades, mas de modo geral a oficina foi muito bem aceita, com participação disseminada. As crianças conseguiram expressar talentos e vencer barreiras como restrição ao barulho em excesso, tocar em massa de modelar e tinta com texturas diferentes, e interagir com um público ainda desconhecido.

CONCLUSÃO

A visita permitiu aos alunos o desenvolvimento de habilidades de comunicação e compreensão, do modo de vida do outro, e puderam viver na prática a aplicação de uma das atividades da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), levando assim algumas atividades da LASMI para dentro da comunidade, e permitindo aos alunos vivenciarem, ainda durante a graduação, atividades reais de realidade médica.